

QUANDO OS FEMINISMOS FALAM: ELAPOD E SUAS VOZES¹**Rayssa Velasque Mambach**Universidade Federal do Pampa, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa, São Borja/RS - Brasil
rayssavmambach@gmail.com**Alciane Nolibos Baccin**Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5149-7518>Universidade Federal do Pampa, Curso de Jornalismo e Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa, São Borja/RS – Brasil
alcianebaccin@unipampa.edu.br**Aline Amaral Paz**Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0888-0781>Universidade Federal do Pampa, Curso de Publicidade e Propaganda e Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa, São Borja/RS – Brasil
alinepaz@unipampa.edu.br**Denise Aristimunha de Lima**Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6190-3447>Universidade Federal do Pampa, Curso de Publicidade e Propaganda e Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa, São Borja/RS – Brasil
deniselima@unipampa.edu.br**Recebido em: 24/04/2026****Aceito em: 04/05/2026**

Resumo: O presente artigo busca identificar em qual vertente do feminismo o podcast ElaPod se inscreve, para, assim, apontar, de forma introdutória, quais sentidos são mobilizados dentro de podcasts feitos por mulheres feministas. O estudo indica que a perspectiva decolonial é a que mais satisfatoriamente dialoga com a realidade das mulheres em âmbito nacional e é esta vertente que aparece no episódio analisado neste trabalho. O episódio escolhido foi analisado a partir de base teórica dos autores Curiel (2019), Crenshaw (2004), Carrera (2020), Araújo e Reis (2019). A metodologia utilizada foi Análise de Discurso (AD) de linha francesa, com Pêcheux (1997) e Orlandi (2005). O estudo apresenta algumas das principais vertentes do feminismo e suas tensões, realiza a análise e levanta novos questionamentos.

Palavras-chave: Podcast; Análise de discurso; Decolonialidade; Feminismo decolonial.

¹ Esta pesquisa está vinculada a um estudo mais amplo em andamento, correspondente à dissertação de uma das autoras. Neste trabalho, estabelecem-se relações entre partes da pesquisa em desenvolvimento e as leituras orientadas na disciplina Comunicação, Representatividade e Indústria Criativa, do Mestrado Profissional em Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Pampa (Unipampa).

WHEN FEMINISMS SPEAK: ELAPOD AND ITS VOICES

Abstract: This article aims to identify which strand of feminism the ElaPod podcast aligns with, in order to preliminarily outline the meanings mobilized within podcasts produced by feminist women. The study indicates that the decolonial perspective is the one that most effectively engages with the reality of women at the national level, and this is the strand that emerges in the episode analyzed in this work. The selected episode was examined based on the theoretical framework of Curiel (2019), Crenshaw (2004), Carrera (2020), and Araújo and Reis (2019). The methodology employed was French Discourse Analysis (DA), drawing on Pêcheux (1997) and Orlandi (2005). The study presents some of the main strands of feminism and their tensions, conducts the analysis, and raises new questions.

Keywords: Podcast; Discourse Analysis; Decoloniality; Decolonial Feminism.

INTRODUÇÃO

Este estudo investiga a relação entre podcasts e feminismos, com foco em como a materialidade discursiva de um episódio permite identificar sua inscrição em determinada vertente feminista, desta forma, o estudo é orientado pela pergunta: “Como a materialidade discursiva de podcasts feministas permite identificar sua inscrição em determinada vertente do feminismo?”. Embora os podcasts sejam uma mídia relativamente recente, a Podosfera (mundo dos podcasts) já se encontra marcada pela predominância masculina. De acordo com dados de 2025 da Associação Brasileira de Podcasters², cerca de 70% dos produtores e consumidores são homens. Nesse contexto, emergem produções que discutem as experiências das mulheres, levando, para o ambiente dos podcasts, as vivências das mulheridades, desta forma, tensionando esse espaço e oferecendo outras narrativas. Devido à extensão deste estudo, o objeto analisado será um episódio, mas que poderá funcionar como indicador para análises em outros podcasts. Para tanto, o trabalho apresenta algumas das principais vertentes do feminismo para, então, analisar, com base na materialidade discursiva de um episódio selecionado do podcast ElaPod, a partir dos instrumentos da Análise de Discurso de linha francesa pecheutiana, de que forma os rastros do discurso evidenciam a filiação do podcast a uma ou outra vertente feminista.

² Encontre a pesquisa completa em: <https://www.castnews.com.br/podpesquisa-2024-2025>. Acesso em 09/11/2025, às 17h15.

OS FEMINISMOS E SUAS VERTENTES

O Feminismo é o movimento de mulheres caracterizado por diferentes lutas que objetivam, majoritariamente, a equidade de gênero. Conforme Garcia (2011), o feminismo se articula como política e, ao mesmo tempo, como movimento social. Já bell hooks (2018) define o feminismo como um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão. Não é um movimento singular, são diversas as vozes que compõem os feminismos, portanto, diversos os discursos. Apresentamos, agora, algumas de suas principais vertentes.

Sob influência do Iluminismo, o **feminismo liberal** argumenta considerando a autonomia, a liberdade, a racionalidade e a igualdade (Mallmann, 2023). A vertente é entendida como base da primeira onda do feminismo, e tem como início a reivindicação de que as mulheres e meninas tivessem acesso à educação desde a infância, para que pudessem participar da vida pública e das outras áreas do conhecimento. Um dos grandes reconhecimentos desta corrente é o direito ao voto feminino.

Com o passar dos anos, esse feminismo foi associado a um tipo específico de mulher: mulheres brancas de classe média e alta do Ocidente. Isto porque, enquanto o feminismo liberal lutava por direito ao voto feminino e a condições de emprego iguais às dos homens, as mulheres negras já trabalhavam. A crítica, atualizada, aponta o mesmo. Atualmente, as mulheres do feminismo liberal ainda reivindicam, por exemplo, salários iguais – que é uma pauta importante, todos reconhecemos –, contudo, muitas dessas mulheres dependem de domésticas (negras, periféricas, que deixam seus filhos em casa) que nem são incluídas ou consideradas nesse tipo de discussão. Para Fraser, Aruzza e Bhattacharya (2019), isso se chama terceirização da opressão.

A crítica das autoras evidencia um problema dentro do movimento feminista: a contradição. É, inclusive, a partir da contradição (ou oposição) que surgem outras correntes do movimento feminista, como o **feminismo negro**, que surge como uma

vertente para ampliar as discussões propostas pelo movimento feminista liberal, que caracterizava as violências sofridas pelas mulheres como opressões resultantes do sistema patriarcal. Para o feminismo negro, as mulheres sofrem violência pelo sistema capitalista, mas também considerando gênero, raça e sexualidade (Crenshaw, 2004).

Esse entendimento aproximou o movimento negro do discurso de interseccionalidade. O **feminismo interseccional** surge não como oposição, mas a partir de ideias do feminismo negro. De acordo com Carrera (2020), os movimentos sociais já discutiam a interseccionalidade antes do termo ser legitimado pelo espaço acadêmico. Contudo, as discussões foram validadas a partir de 1989, quando a teórica Kimberle Crenshaw cunhou o termo interseccionalidade. Para ela, ser uma sujeita interseccional é estar no centro de diferentes avenidas que se entrecruzam (Crenshaw, 2004). É possível compreender que o feminismo interseccional surge das discussões apontadas a partir do feminismo negro. Entretanto, a vertente interseccional identifica outras raízes de opressão para além do capitalismo e do sistema racista.

Já o **feminismo radical** atualmente é lido de duas formas. Uma, vinculada a sua origem e a outra relacionada ao 'novo feminismo radical'. De acordo com Silva (2008), o feminismo radical encontra no sujeito homem a raiz de toda a opressão. Por isso, para lutar contra o patriarcado, "as mulheres devem unir-se na luta contra os homens (argumento criticado e considerado por outras feministas como 'guerra dos sexos'), assim como, devem rejeitar o Estado e todas as instituições formais por ser produto do homem e, portanto, de caráter patriarcal" (Silva, 2008, p. 27).

Pelas feministas radicais identificarem que a raiz da opressão é o sistema patriarcal, esse grupo foca na dualidade homem/mulher. A partir disso, as novas feministas radicais, também conhecidas como Feministas Radicais Trans-Excluentes (*TERFs*, no original em inglês), associam o gênero à questão do sexo e à biologia. Para elas, somente mulheres cisgênero³, nascidas com o sexo feminino, sofreriam as violências do patriarcado.

³ As *TERFs* não usam as classificações 'cisgênero' e 'transgênero' exatamente por invalidarem o conceito, contudo, para elucidar (e não excluir as mulheres trans), escolhemos incluir o termo cisgênero nesta explicação.

A partir do discurso violento das mulheres transfóbicas, surgiu o **transfeminismo** como uma resposta ao feminismo radical. De acordo com Cyrino (2023), o texto *The Empire Strikes Back: A Posttranssexual Manifesto*, de Sandy Stone (1987), é apontado como fundador do transfeminismo. O ensaio denuncia a patologização enfrentada pelas mulheres trans tanto pela comunidade médica quanto pelas feministas radicais. De acordo com Palha (2019), o transfeminismo é o resultado da absorção das discussões feministas por parte do movimento político de pessoas transexuais, travestis e transgêneros, que se constitui no contexto de valorização de identidades raciais e de gênero não hegemônicas, vinculados a uma ideologia política de esquerda.

Este grupo também apresenta uma importante contribuição ao movimento feminista: o conceito de mulheridades, o qual amplia a pluralidade do termo 'mulheres'. De acordo com Letícia Nascimento (2021, p. 25), o conceito de 'mulheridades' busca "demarcar os diferentes modos pelos quais podemos produzir estas experiências sociais, pessoais e coletivas". Assim, com o movimento transfeminista, reconhecemos a pluralidade de vivências femininas.

Sobre a proposta do **feminismo decolonial**, de acordo com Curiel (2019), é uma forma de recontar a história, mostrando como as hierarquias sociais se estruturam através da relação entre modernidade ocidental, colonialismo e o capitalismo (Curiel, 2019). Desta forma, o feminismo decolonial apresenta uma nova perspectiva para entender as relações interseccionais das mulheres e suas diferentes subordinações, não visibilizadas pelo feminismo hegemônico. Conforme Curiel (2019), é dessas mulheres interseccionais (negras, indígenas, lésbicas etc.) que surgem as propostas decoloniais do feminismo.

Esta vertente propõe uma alternativa ao feminismo branco e ocidental, ressaltando a importância de considerar classe e geopolítica para compreender o que ganha visibilidade e o que permanece invisível. É a abordagem decolonial que vai falar diretamente com a realidade de países como o Brasil, em que 60% da população trabalha a semana inteira para receber, ao final do mês, um salário mínimo⁴. As

⁴ Matéria disponível em:

<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2023/12/06/ibge-60-pontos-percentuais-dos-brasileiros-vivem-com-at-1-salario-mnimo-por-ms.ghtml>. Acesso em 14/11/2025, às 22h05.

condições sociais da população e da mulher brasileira não são as mesmas dessas mulheres que deram legitimidade para o conceito de feminismo. Curiel (2019) critica que os conceitos europeus são transportados sem contextualização, e fazem da realidade vulnerável de muitas mulheres objeto de estudo de feministas privilegiadas.

Assim, vislumbrar a sociedade a partir da perspectiva decolonial significa compreender que nossas desigualdades estão fundamentadas no assujeitamento imposto pela Europa. De acordo com Araújo e Reis (2019), é necessário avaliar não somente a geolocalização, mas também compreender o contexto histórico e social do lugar, pois esses elementos apontam o que pode ou não se sobressair em situações de opressão. Para os autores, a interculturalidade é significativa, pois é através dela que reconhecemos a existência de outros feminismos. A crítica das autoras parte do ato e do trabalho de tradução, que seria uma prática eficaz para descentralizar endogrupos femininos, embora também aponte hierarquia e poder. A tradução, para além de um ato de mediação de discursos, é também uma ação política, pois são poucos os textos de autoras negras e decoloniais que encontramos traduzidos em língua portuguesa, portanto, assim, ganham menos visibilidade. Embora, seja importante ressaltar que no cenário brasileiro, há grandes teóricas nacionais que demarcam as vivências decolônias, como Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro.

Em relação ao que é visto e compartilhado, agora, entramos num ponto chave quando o tema é visibilidade: a mídia, que é uma ferramenta de visibilidade e de legitimação (Carrera, 2020). Neste trabalho, vamos analisar um podcast, portanto, será esta mídia colocada como plataforma de visibilidade dos discursos feministas. Para isso, apresentaremos, agora, de forma breve, a mídia podcast (e o podcasting, o processo que origina a mídia sonora podcast).

PODCAST E SUAS VOZES

Para Primo (2005), o podcast é uma remediação do rádio, diferenciando-se radicalmente um do outro, porque a escuta do rádio acontece sincronicamente com

a emissão do sinal. Por isso, em programas ao vivo os apresentadores conversam com colegas de emissora, com entrevistados e até com ouvintes, ao mesmo tempo em que o programa está sendo transmitido (Primo, 2005). Já no podcasting, essa sincronia é quebrada, porque o tempo de produção e publicação não é o mesmo da escuta. Produz-se, edita-se, publica-se, divulga-se e, então, há o tempo da escuta. Para Winter e Viana (2021), o que difere o rádio do podcasting é que apesar deste último conservar alguns elementos do rádio tradicional, como a linguagem radiofônica, ele abrange o conceito e as propostas do rádio expandido, e por consequência, multiplataforma.

A questão da multiplataforma se mostra na publicação dos podcasts, muitos estão hospedados em diferentes plataformas digitais de áudio, como *Spotify*, *Deezer*, *Apple Podcasts*, *Youtube*, *Soundcloud* e outras, assim como os podcasts podem ter suas próprias plataformas de hospedagem, geralmente um site com conteúdos que vão além do áudio. Assim como muitos têm perfis em redes sociais, para divulgar o podcast em si. Inclusive, por estar em diferentes espaços, o podcast precisa diversificar sua linguagem buscando os variados perfis de consumo (Lopez e Viana, 2016, p. 159). Sendo assim, essa forma de acesso, de distribuição e de divulgação é diferente do que habitualmente se faz com programas de rádio, até porque o podcast fica disponível para acesso a qualquer hora e em qualquer lugar, diferente do rádio tradicional, em que o ouvinte está sujeito à grade da programação.

A característica *on-demand* também se coloca como um grande diferencial, porque o ouvinte pode ouvir, reouvir, pausar, retornar para uma parte determinada e, dependendo da plataforma, consegue alterar a velocidade do áudio; tudo isso torna a experiência de ouvir podcast diferente da experiência de consumir o rádio. Desta forma, o fenômeno do podcasting ultrapassa o rádio.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

O objetivo deste artigo é analisar o episódio 'Maria Marighella & Atena Roveda: Cultura é Arma de Reparação' do podcast ElaPod, considerando a

pergunta-problema “Como a materialidade discursiva de podcasts feministas permite identificar sua inscrição em determinada vertente do feminismo?”, o que pode nos servir como base para identificar quais discursos aparecem (ou não aparecem) nos podcasts, quais mulheres são convidadas ou deixam de ser convidadas a falar neste espaço de visibilidade (e de disputa), quais demandas são levantadas pelas mulheres feministas da atualidade, entre outros pontos. Para isso, vamos usar os instrumentos da Análise de Discurso (AD) pecheutiana. Cabe, então, apresentar alguns dos conceitos da AD importantes para a análise dos enunciados que integram o corpo deste artigo.

O discurso é a palavra em movimento, é a produção de sentido entre locutores (Pêcheux, 1997; Orlandi, 2005), embora não signifique fala, tampouco palavra, porque o discurso também pode ser descrito como um conjunto de enunciados, independentemente do formato. Com a AD, entendemos que nada na linguagem é inocente, sendo a linguagem tudo que comunica algo.

Para AD, não existe sujeito sem ideologia, porque somos interpelados por ela; é isso que nos torna sujeitos. Da mesma forma, estamos sujeitos à linguagem e seus equívocos, portanto, não existe neutralidade na linguagem. O discurso está irremediavelmente atrelado à História e ao inconsciente, e é na História que a língua se materializa. Por isso, em dado momento, acreditamos que o que dizemos é nosso e que somos nós que colocamos sentido naquilo que falamos, mas a AD nos mostra que as palavras não carregam sentido nelas mesmas, mas é pela historicidade delas que elas fazem sentido e significam.

Uma noção muito importante no discurso é a de condições de produção. Conforme Pêcheux (1997), existem as condições de produção em sentido estrito (portanto, imediatas) e as condições de produção das circunstâncias da enunciação (o contexto sócio-histórico e ideológico). Em relação a lugares, temos a relação de forças, isto é, o lugar do qual o sujeito fala constitui o que ele diz. Como a nossa sociedade é baseada em relações hierarquizadas, aqui se estabelecem relações de força, alguns discursos ‘valem’ mais do que outros. Este lugar não trata da posição física ou do lugar empírico que esse sujeito ocupa, mas a imagem desse ‘lugar’ que

resulta das projeções, por isso, as formações imaginárias são importantes na Análise de Discurso.

Com essas noções esclarecidas, partimos do nosso dispositivo teórico para o dispositivo analítico, portanto, o nosso material de análise.

MATERIALIDADE DISCURSIVA E VERTENTE DO FEMINISMO EM ELAPOD

O ElaPod é um podcast dedicado a oferecer visibilidade a mulheres que têm relação com o espaço da política, sendo um produto comunicacional sobre “como a política muda as mulheres e as mulheres mudam a política⁵”. No episódio ‘Maria Marighella & Atena Roveda: Cultura é Arma de Reparação’, Manuela D’Ávila, que é a apresentadora do podcast, entrevista duas mulheres do mundo da política. A ex-vereadora pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e atual presidente da Fundação Nacional das Artes (Funarte), Maria Marighella. A outra entrevistada é a vereadora eleita por Porto Alegre (2025-2028), Atena Roveda (PSol), filósofa e ativista pelo movimento LGBTQIAPN+.

Identificar as personagens do episódio é necessário devido a noção de condições de produção, que podem ser em sentido estrito e em sentido amplo. Em sentido estrito está ligado ao contexto imediato, aquilo que conseguimos identificar sem uma análise aprofundada; são as informações que o contexto nos apresenta. A partir disso, podemos nos perguntar, por exemplo (e já responder): Quem são as personagens deste podcast? *Maria Marighella e Atena Roveda*. Quem é a entrevistadora deste podcast? *Manuela D’Ávila*. Quais temas elas discutem? *Arte, cultura, maternidade, travestilidade, filosofia*. De que forma elas interagem? *Por meio de um diálogo, no estilo mesa redonda, contudo, acontece de forma virtual, cada uma em um local geográfico diferente*.

⁵ É assim que o podcast se apresenta. Ouça os episódios de ElaPod em: <https://open.spotify.com/show/1N9Pa34U1dkiTS3ORa5AsE?si=2a68af3cca3f4805>. Acesso em 16/10/2025, às 00h02.

Já no sentido amplo, é tudo aquilo que é necessário uma análise para identificar, envolvendo o contexto sócio-histórico e ideológico do discurso. A partir disso, podemos perguntar: Em que momento histórico esse discurso é enunciado? Quais sentidos são mobilizados no discurso das mulheres? Quem são essas mulheres (para além de saber nome, mas quais lugares de sujeito elas ocupam na sociedade)? Como elas se comunicam, de que forma falam de si?

Assim, entendemos que essas mulheres estão vinculadas ao espectro político de esquerda, devido às suas filiações partidárias (a apresentadora não está mais filiada a nenhum partido político, contudo, por mais de 25 anos foi filiada ao PCdoB). Carregam nelas pautas associadas ao movimento feminista e é sobre isso que discutem no episódio. Ambas as entrevistadas falam de alguns aspectos sociais. Atena Roveda é uma mulher trans, que é chamada, desde o começo do episódio, a falar sobre a escolha de seu nome, sobre a vivência trans e sobre usar a literatura como uma ferramenta de rebeldia. Enquanto Maria Marighella é chamada para falar sobre a história da sua família (antes mesmo de falar sobre si mesma), mais precisamente sobre ser neta de Carlos Marighella⁶.

O que norteia a nossa pesquisa – e nunca deve ser perdido de vista – é a pergunta-problema do nosso trabalho, “Como a materialidade discursiva de podcasts feministas permite identificar sua inscrição em determinada vertente do feminismo?”, com o objetivo de identificar a vertente feminista com qual este produto dialoga. Contudo, logo no início do episódio, já é apontada uma vertente específica no qual este episódio se inscreve, a vertente feminista decolonial.

Na introdução do episódio, Manuela D’Ávila cita autoras importantes para a construção da vertente decolonial e também, ao apresentar as entrevistadas, as categoriza como feministas decoloniais. Contudo, como a AD não trata sobre o ‘o quê o discurso diz’, mas sobre ‘como diz’, é importante identificar se o que a apresentadora enuncia se concretiza ao longo do episódio. Se há outras feministas mobilizadas no discurso da entrevistadora e das entrevistadas; como o podcast é conduzido; quais relações ele estabelece com o feminismo decolonial, portanto, com a vivência das mulheres em território não-hegemônico.

⁶ Carlos Marighella foi um político comunista marxista-leninista, tido como um dos principais articuladores contra a ditadura militar e que foi morto em 1969 pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) do regime militar.

Sobre isso, logo na introdução, D'Ávila comenta sobre Ochy Curiel, feminista que escreve sobre decolonialidade.

A antropóloga dominicana Ochy Curiel fala: O processo de descolonização é violento porque nos obriga a romper com tudo o que o colonialismo nos ensinou como verdade. Não existe só mudanças das leis, da política ou da economia. Exige de cada uma de nós repensar o que um dia achamos natural, questionar o que pensamos que sabemos sobre nós e sobre o mundo. Exige questionar a cultura, a linguagem, os símbolos e até como nos enxergamos.” *Eu quero construir um mundo que acabe com todo a matriz de opressão, de raça, de classe, de sexo, de sexualidade, de geopolítica, de nacionalismos*⁷. “Como disse Lélia Gonzalez, o colonialismo não dominou só terras e corpos. *Num processo de lavagem cerebral. Ele colonizou também as mentes. Não dá pra aguentar, não. Alcançar a justiça passa por isso, pela resistência, pelo confronto, pelo desconforto. Porque o processo é sempre de massacre e de estilhaçamento da identidade, até o momento em que a vida te dá uma porrada na cara e aí você acorda* (D'Ávila, 2025).

Assim, já somos introduzidos a sentidos que são trabalhados dentro do produto, os problemas de gênero que surgem a partir da linguagem, as opressões ligadas à raça, classe e sexualidade, à busca por justiça de grupos minoritários, temas apresentados ao longo do episódio. Além de Curiel, também são citadas as feministas negras Lélia Gonzalez e bell hooks.

Com a análise, identificamos que o feminismo da perspectiva decolonial perpassa o episódio inteiro, pois fala a partir da realidade de mulheres que enfrentam estigmas sociais vinculados a interseccionalidade, mas dentro da realidade nacional. O feminismo decolonial se apresenta em oposição ao feminismo hegemônico – branco, cisnormativo, de elite –, incluindo a localização geográfica, o contexto histórico e social do lugar, como pontos importantes na análise, pois mulheres de países diferentes (por exemplo, de um país que já foi colonizador e de um país que foi colonizado) enfrentam realidades diferentes, inclusive, devido a construção sócio-histórica do território. Assim, o feminismo decolonial tem um lugar de enunciação diferente do feminismo branco, cisgênero, de elite. Ele fala a partir da nossa realidade.

⁷ O podcast, como é uma mídia sonora, permite a inclusão de efeitos sonoros e de recortes de falas de outras pessoas. Por isso, no texto de Manuela D'Ávila há também a inclusão de uma entrevista de Curiel e de Lélia González, entre algumas das frases enunciadas por D'Ávila. Para manter a completude da introdução, optamos por manter as frases não ditas por D'Ávila, mas que complementam a sua fala e nesta citação aparecem em itálico.

O podcast apresenta saberes localizados de mulheres brasileiras e aponta, na sua formação, o cuidado com a diversidade. Uma das entrevistadas é uma mulher travesti e a outra é uma mulher negra, pontos que ficam evidentes – mesmo para quem não acompanha o vídeo, também disponível na plataforma de áudio – em suas falas introdutórias, quando já são chamadas a falar sobre questões sociais, a partir dessas suas características físicas. Roveda aponta que usou da literatura para se vingar, pois, através dela, pode permanecer viva, mesmo inserida num contexto de violência contra pessoas trans, que é tanto o espaço geográfico do Brasil, indicado pela Associação Nacional de Travestis (Antra) como o país que mais mata pessoas trans no mundo⁸, como também no espaço político, visto que ela é uma das primeiras mulheres trans a ocupar a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Já Marighella fala do processo de colonização do Brasil, e também do regime militar. Para ela, ambos os períodos históricos apontam que o Brasil não viveu uma ‘justiça de transição’, pois não houve o julgamento daqueles que causaram violências históricas, que repercutem até os dias de hoje.

Em relação aos lugares, o lugar delas, enquanto sujeitas, constitui as suas falas. Por isso, não é o que elas são, mas a imagem que a sociedade tem delas (ser uma mulher trans, ser uma mulher parlamentar, ser uma mulher negra etc.), desta forma, a entrevistadora busca destacar o currículo das entrevistadas, para que a elas seja dada autoridade de fala.

Portanto, seus discursos, durante todo o episódio, acionam outros discursos, pela questão da memória (Pêcheux). Não somente ao que outras mulheres enunciam, mas ao que outras mulheridades trans e negras vivenciam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou identificar em qual vertente do feminismo o podcast ElaPod, mais especificamente, o episódio ‘Maria Marighella & Atena Roveda: Cultura é Arma de

⁸ Conforme Dossiê da Antra, o Brasil é, pelo 16º ano consecutivo, o país que mais mata trans no mundo. Leia mais em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-e-travestis-aponta-dossie/>. Acesso em 21/10/2025, às 23h59.

Reparação', se inscreve, a partir de instrumentos da Análise de Discurso de linha francesa pecheutiana. Como resultado, encontrou que o objeto está inscrito na abordagem decolonial do feminismo.

Quando essas personagens, Maria Marighella, Atena Roveda e Manuela D'Ávila, ocupam um espaço na Podosfera, que tem predominância das masculinidades, pode ser identificado que elas atuam contra a desigualdade neste espaço midiático. Ao mesmo tempo que dão vozes para conteúdos que não são discutidos em todos os ambientes, mas que podem, a partir das lógicas dos produtos comunicacionais disponíveis na internet, especialmente do podcast (que usa as redes sociais como ferramenta de divulgação) alcançar outras mulheres e outros homens.

Este episódio traz personagens que falam de suas vivências, que são individuais, mas que tratam de problemas coletivos (a transfobia, o racismo, a ditadura, o conservadorismo, o preconceito) e são enunciados de acordo com a realidade nacional. E é a partir desses atravessamentos, e das situações que fazem parte do cotidiano das mulheres brasileiras, que o discurso do feminismo se torna palpável, dialogando diretamente com os problemas do dia a dia, portanto, representam o feminismo decolonial. Afinal, o objetivo do movimento feminista é exatamente elucidar problemáticas enfrentadas pelas mulheres, na tentativa de coletivizá-las (não é um problema individual ou casual, é um problema coletivo) e agregar forças para reduzi-las. E isso é feito dentro deste episódio do ElaPod, a partir da decolonialidade. São apresentados pontos de conflito ainda enfrentados no território nacional, mas também é apontado que a cultura e as mulheres na política são capazes de promover transformação social.

Esta pesquisa também abre espaço para novos estudos sobre quais vozes e demandas femininas têm ocupado a Podosfera, quais vertentes (portanto, discursos) mais aparecem neste ambiente, quais mulheres têm sido mobilizadas nos podcasts e quais homens têm falado pelas mulheres (afinal, já é um ambiente com maioria masculina). São perguntas que, a partir desta análise, podem inspirar outros estudos e questionamentos, ampliando, assim, a produção de conhecimento do universo das mulheres e do podcasting.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. de G. S.; REIS, D. S. Traduzir o feminismo: um subsídio decolonizador. IN: MELO, P.; COELHO, J.; FERREIRA, L.; SILVA, D. **Descolonizar o feminismo**. VII Semana de Reflexões sobre negritude, gênero e raça do Instituto Federal de Brasília, editora IFB, Brasília - DF, 2019.
- ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CARRERA, Fernanda. **Roleta interseccional**: proposta metodológica para análises em Comunicação. Ecompós, 2020. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.2198>.
- CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, v. 1, n. 1, p. 7-16, 2004.
- CURIEL, O. Construindo metodologias feministas desde o feminismo decolonial. IN: MELO, P.; COELHO, J.; FERREIRA, L.; SILVA, D. **Descolonizar o feminismo**. VII Semana de Reflexões sobre negritude, gênero e raça do Instituto Federal de Brasília, editora IFB, Brasília - DF, 2019.
- CYRINO, Rafaela. **A deriva transfóbica do feminismo radical dos anos 1970**. Varia Historia, Belo Horizonte, v. 39, n. 79, e23107, jan./abr. 2023 <http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752023000100007>
- GARCIA, C. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.
- HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo** – políticas arrebatadoras. 1º edição. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.
- LOPEZ, D.; VIANA, L. **CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS TRANSMÍDIA RADIOFÔNICAS**: aproximações ao debate. Revista Mídia e Cotidiano, n° 10, dezembro de 2016.
- MALMANN, R. W. **Autonomia, racionalidade e liberdade**: o feminismo liberal está falido?. Educação e Filosofia, Uberlândia, v.37 n.79, p. 315-344, jan./abr. 2023. ISSN Eletrônico 1982-596X
- NASCIMENTO, L. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021. (Coleção Feminismos Plurais).
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.
- PALHA, A. Transfeminismo e construção revolucionária. IN: **MARGEM ESQUERDA**. Revista n. 33. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 168 p. ISBN 977-1678768433.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In GADET, F. HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do Discurso**: Uma Introdução à obra de Michel Pêcheux. 3º ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- PRIMO, A. **Para além da emissão sonora**: as interações no podcasting. Porto Alegre: Intexto, julho/dezembro, 2005.
- SILVA, E. **FEMINISMO RADICAL** – PENSAMENTO E MOVIMENTO. Textura, Cruz das Almas-BA, ano 3, n.º 1, p. 24-34, Jan./Jul., 2008.

WINTER, Y.; VIANA, L. **A Podosfera É Delas?: um panorama histórico brasileiro sobre rádio e mulheres.** 2021.

Rayssa Velasque Mambach

Jornalista pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Participante do Grupo de Pesquisa Diálogos do Pampa, realizando pesquisas sobre Jornalismo e Linguagem. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC) da Unipampa. Pesquisa as relações entre Comunicação e Estudos de Gênero, com ênfase nas abordagens feministas, e também se dedica à análise de podcasts enquanto objeto de estudo.

Alciane Nolibos Baccin

Professora da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC) e vice-coordenadora do curso de Jornalismo. Editora da Revista E-Compós. Editora da Revista de Extensão Chasque. Diretora editorial da Sociedade Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) 2019-2021 e 2021-2023. Faz parte da Rede de Pesquisa Aplicada em Jornalismo e Tecnologias Digitais (JorTec/SBPJor) e dos grupos de pesquisa Jornalismo Digital (JorDi/UFRGS) e Jornalismo em Redes e Convergência (JorCon/Unipampa). Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior (UBI-Covilhã/Portugal), mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Aline Amaral Paz

Professora na Universidade Federal do Pampa, com atuação no curso de graduação em Publicidade e Propaganda e na Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC). Doutora e Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pós-graduada em Administração e Marketing no Centro Universitário Internacional. Bacharela em comunicação social Publicidade e Propaganda na Universidade Federal do Pampa. Coordenadora do Projeto de Extensão "GenCom+". Membro da coordenação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) e da coordenação do Comitê de Gênero e Sexualidade, em São Borja.

Denise Aristimunha de Lima

Doutora pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2018), Mestra em Design pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2011) e Especialista em Gráfica Digital pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel, 2007). É Bacharela em Publicidade e Propaganda pela Universidade da Região da

Campanha (URCAMP, 2000). Atualmente, é Professora Adjunta no curso de Publicidade e Propaganda e no Mestrado em Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Pampa (Unipampa/Campus São Borja). É integrante do NEABI Lanceiros Negros (São Borja) e coordenadora do projeto de pesquisa Afrotelas – gênero e raça na produção audiovisual. Desenvolve pesquisas voltadas à articulação entre gênero, raça e estudos em comunicação.